

**Grandes críticos de arte (1750-2000):
Surgimento y desarrollo de una profesión
em crisis permanente**

Lorente, Jesús Pedro
Gijón: Ediciones Trea, 2017

Pedro Ernesto Freitas Lima

Fala-se muito em crise da crítica de arte e, por vezes, até no seu desaparecimento, solapada por outras atividades como, por exemplo, a curadoria. Tal afirmação nos exige certo rigor acerca da compreensão da atividade crítica e de sua história, uma vez que, como alerta Jesús Pedro Lorente, apesar de não existir definição precisa da crítica de arte, ela não pode ser atribuída a qualquer escrito sobre arte e, ainda, nem sequer pode ser limitada unicamente à produção textual – não estariam a curadoria, a fala de conferencistas e a docência universitária também credenciadas a ser admitidas pela Associação Internacional de Críticos de Arte (Aica)?, provoca Lorente.

Outro problema para a apreensão da atividade crítica é seu caráter individualista. Segundo o autor, o fato de textos críticos geralmente não fazerem referências a colegas e não se citarem dificulta seu estudo em conjunto. Compilações de textos aparecem como uma forma de atenuar essa limitação, mas ainda constituem um problema devido a seu caráter fragmentário.

O trabalho de Lorente é relevante tentativa de propor um panorama geral da crítica de modo a ocupar o vácuo deixado pela publicação recorrente de compilações e estudos fragmentários, importantes mas insuficientes para uma abordagem crítica dessa prática. Diante da proposta ambiciosa de abarcar um longo intervalo temporal – de 1750 até 2000 – e nomes de diversos países da

Europa, Estados Unidos e América Latina, o autor propõe seleção e análise, declaradamente permeadas pelo viés de sua preferência pessoal, da produção de críticos influentes e representativos de cada momento histórico.

Marilá Dardot, *Tratado de pintura e paisagem*, 2009, impressão jato de tinta sobre papel Hahnemühle, madeira e acrílico, 157 x 156cm
Fonte: <https://mariladardot.com/artwork/tratado-de-pintura-e-paisagemtreatise-on-painting-and-landscape/>



Mérito da obra de Lorente é a desnaturalização da existência de grupos e movimentos artísticos, demonstrando que suas invenções partem muitas vezes de critérios estabelecidos pelo crítico que escreve sobre determinadas produções e que, aliás, as batiza. Esse procedimento é verificado em diversos momentos, desde os escritos de Denis Diderot (1713-1784) que, de forma geral, representava o nascente gosto neoclássico, passando por atribuições de nomes como Impressionismo (1874), Nouveau Réalisme (1960) e Young British Artists (1997), por exemplo.

O surgimento da atividade de crítico deve ser compreendido junto à ânsia do Iluminismo francês do século 18 por dar acesso público àquilo que era considerado cultura por meio da organização dos Salons, realizados pela primeira vez em 1667 e tornados regulares de 1737 em diante. A partir dessas exposições, resenhas e comentários eram publicados em periódicos muitas vezes em tom elogioso, uma vez que essas mostras eram geralmente promovidas em homenagem ao monarca. Étienne La Font de Saint-Yenne (1688-1771) está entre aqueles que, para fazer comentários mais incisivos, financiavam suas próprias publicações. O anonimato de seus textos era justificado pelo fato de que eles não expressariam juízos pessoais, mas ecoariam a opinião pública. Ainda nesse contexto, a revista *Correspondance Littéraire, Philosophique et Critique*, fundada por Friedrich Melchior Grimm, que circulava entre a nobreza europeia, publicava comentários sobre obras e os Salons parisienses. Entre seus articulistas estava Diderot.

Instigada a elaborar parâmetros interpretativos para a produção da qual fosse contemporânea, a prática da crítica, argumenta Lorente, sempre esteve em crise, o que se acentuou a partir da segunda metade do século 19. Naquele momento,

a incerteza em torno dos critérios a ser utilizados pela crítica levou a distintos desenvolvimentos metodológicos de sua prática, como a busca de princípios com pretensão científica no positivismo, por Hippolyte Adolphe Taine (1828-1893), e o nacionalismo, isto é, a associação entre arte e lugar, e a discussão de questões estilísticas entremeadas ao patriotismo, como no caso do russo Vladimir Vasilevich Stasov (1824-1906).

O autor também discute a relação entre crítica de arte e política. Momentos extremos, como os do nazifascismo e do stalinismo, interferiram de forma decisiva na atuação e nas escolhas de críticos que, muitas vezes, se viram obrigados a escrever sobre campos de interesse menos arriscados — a arte do passado, a arquitetura, a fotografia e o cinema, por exemplo —, como Nikolaus Pevsner (1902-1983), Adolf Behne (1845-1948) e Nikolai Puin (1888-1953).

Outra preocupação de Lorente é registrar nomes e analisar produções fora da Europa e dos Estados Unidos. Ao discutir o impacto dos estilemas modernos na produção da América Latina na primeira metade do século 20, ele ressalta o caráter estranho para a perspectiva europeia atribuído à mescla entre vanguardismo moderno e culturas populares verificado nesse continente e defendida em textos como os do colombiano Baldomero Sanín Cano (1861-1957) e do francês naturalizado cubano Guy Pérez Cisneros (1915-1953). É notável a diferença entre o volume de informações e referências bibliográficas sobre esses nomes considerados periféricos em relação àqueles hegemônicos, provavelmente resultado de uma ainda insuficiente quantidade de pesquisa e produção crítica a seu respeito, o que nos alerta e instiga para o fato de que há muito ainda a ser pesquisado em termos de produção da crítica de arte brasileira, latino-americana e de críticas mulheres.